

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Lila*

Autora: *Marilynne Robinson*

Copyright © 2014 by Marilynne Robinson

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Maria do Carmo Figueira*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos / Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, setembro, 2015

Depósito legal n.º 396 900/15

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

A criança estava ali no alpendre às escuras, com os braços à volta do corpo para se proteger do frio, esgotada de tanto chorar e quase a dormir. Não conseguia gritar mais, e eles também não a ouviam ou, se ouvissem, isso tornaria tudo ainda pior. Alguém tinha gritado, Calem essa coisa senão vou lá eu! e, então, uma mulher puxou-a pelo braço de baixo da mesa, empurrou-a para o alpendre e fechou a porta, e os gatos foram para baixo da casa. Já não a deixavam chegar-se a eles porque às vezes ela agarrava-os pelo rabo. Os seus braços estavam cheios de arranhões, e os arranhões ardiam. Tinha rastejado para baixo da casa à procura dos gatos mas, mesmo quando conseguia apanhar algum, ele esforçava-se mais para se esgueirar quanto mais ela o agarrava, e mordia-lhe, por isso, ela acabava por soltá-lo. Porque é que estás sempre a bater à porta de rede? Ninguém vai querer-te por perto, se te portares assim. E a porta tornava a fechar-se e, passado um bocado, fez-se noite. As pessoas lá dentro tanto discutiram que acabaram por se calar, e foi noite durante muito tempo. Ela tinha medo de estar debaixo da casa e tinha medo de estar no alpendre mas, se ficasse ao pé da porta, talvez esta se abrisse. A lua não parava de olhar para ela, e ouviam-se sons na floresta, mas estava quase a dormir quando Doll apareceu caminho acima e deu com ela ali assim, mais infeliz não podia estar, e pegou nela ao colo e embrulhou-a no seu xaile e disse, «Bem, não temos para onde ir. Para onde é que havemos de ir?»

Se havia alguém no mundo que a criança odiava verdadeiramente era Doll. Esfregava-lhe a cara com um trapo molhado, ou penteava-lhe o cabelo bruscamente com um pente desdentado, a

tentar tirar os nós. Doll dormia na casa a maior parte das noites, e talvez pagasse por isso varrendo a casa. Era a única pessoa que a varria e, enquanto o fazia, estava sempre a refilar, Ninguém mexe uma palha, e estão sempre a dizer, Para com isso, c'os diabos. Gente a dormir no chão, uma confusão de mantas e sacas. Todos os dias a mesma coisa.

Quando a criança estava debaixo da mesa, a maior parte do tempo esqueciam-se dela. A mesa tinha sido empurrada para um canto, e não se davam ao trabalho de meter a mão lá debaixo para a tirar de lá, se ela estivesse calada. Quando Doll chegava, à noite, ajoelhava-se e tapava-a com o tal xaile, mas depois tornava a ir-se embora de manhã tão cedo que a criança sentia o xaile deslizar de cima dela e ficava com mais frio por já não o ter, e mexia-se e refilava um bocadinho. Mas havia lá sempre um bocado de pão duro, uma maçã, qualquer coisa, e um copo de água, para quando ela acordasse. Uma vez, estava lá uma espécie de brinquedo. Era só uma castanha com um bocado de pano por cima preso com um cordel e dois nós dos lados e dois em baixo, como se fossem mãos e pés. A criança sussurrou-lhe e dormiu com ele por baixo da camisa.

Lila nunca iria contar aquilo a ninguém. Sabia que iria parecer muito triste quando, na verdade, não foi. Doll tinha pegado nela ao colo e tinha-a embrulhado no xaile. «Agora não faças barulho», disse-lhe. «Não acordes as pessoas.» Apoiou-a na anca e levou-a para dentro da casa às escuras, andando com todo o cuidado e silêncio, encontrou a trouxa que ela tinha a um canto e depois saíram outra vez para a noite gelada e desceram os degraus. A casa tresandava a gente a dormir, e a noite estava ventosa, cheia de barulho das árvores. A lua tinha desaparecido e a chuva caía, uma chuva tão fina que era só um formigueiro na pele. A criança tinha quatro ou cinco anos, pernas compridas, e Doll não conseguia mantê-la tapada, mas ia-lhe esfregando os pés com a sua mão grande e áspera e sacudindo a humidade da cara e do cabelo. Murmurava, «Não sei onde é que tenho a cabeça para fazer o que estou a fazer. Nunca pensei nisto. Bem, se calhar pensei. Não sei. Acho que talvez tenha pensado. Mas esta é que não era a noite para fazer isto.» Puxou o avental para cima para tapar as pernas da criança e

levou-a para lá da clareira. Era possível que a porta se tivesse aberto e que uma mulher lhes tivesse gritado, Aonde é que vais com essa criança? E, logo passado um minuto, tivesse tornado a fechá-la, como se já tivesse feito tudo o que tinha de fazer em nome da decência. «Bem», murmurou Doll, «logo se vê.»

A estrada não era muito mais do que um caminho, mas Doll tinha-a percorrido tantas vezes às escuras que passava pelas raízes e contornava os buracos e nunca parava nem tropeçava. Conseguia andar muito depressa, mesmo quando não havia luz nenhuma. E era tão forte que conseguia aguentar com qualquer peso, até o de uma criança de pernas compridas a dormir toda desajeitada ao seu colo. Lila sabia que isto não podia ter sido como ela se lembrava, como se estivesse a ser levada pelo vento, mas com braços à sua volta para que soubesse que estava em segurança e um sussurro no seu ouvido para que soubesse que não estava sozinha. Esse sussurro dizia, «Tenho de encontrar um sítio para te pôr no chão. Tenho de encontrar um sítio seco.» E depois sentaram-se no chão, em cima de agulhas de pinheiro, Doll encostada a uma árvore e a criança aninhada no seu colo, encostada ao seu peito, a ouvir o bater do seu coração, a senti-lo. Estava a chover muito. Por vezes as gotas grossas salpicavam-nas. Doll disse, «Devia ter percebido que ia chover. E agora vais ficar com febre.» Mas a criança continuou deitada, encostada a ela, na esperança de poder ficar onde estava, na esperança de que não parasse de chover. Se calhar, Doll era a mulher mais só do mundo, e ela era a criança mais só, mas estavam ali as duas juntas, a aquecerem-se uma à outra à chuva.

Quando a chuva parou, Doll levantou-se meio atabalhoadamente com a criança ao colo e tapou-a com o xaile o melhor que pôde. Disse, «Sei de um lugar.» Sempre que a cabeça da criança tombava, Doll endireitava-a e tentava mantê-la tapada. «Estamos quase a chegar.»

Era outra cabana com um alpendre e um quintal abandonado. Um cão preto e velho levantou-se, apoiando-se nas patas traseiras e depois nas da frente, e ladrou, e uma velha abriu a porta. Disse, «Não há aqui trabalho para ti, Doll. Não tenho nada para ninguém.»

Doll sentou-se no alpendre. «Só quis descansar um bocado.»

«O que é que tens aí? Onde é que desencantaste essa criança?»

«Não interessa.»

«Era melhor ires levá-la de volta.»

«Talvez. Mas acho que não vou.»

«Pelo menos, dá-lhe alguma coisa para comer.»

Doll não disse nada.

A velha entrou em casa e tornou a sair, com um bocado de pão de milho. Disse, «Estava a sair para ir fazer a ordenha. Podes entrar e tirá-la do frio.»

Doll ficou com ela ao pé do fogão, onde só havia o pouco calor das brasas amontoadas. Sussurrou, «Não faças barulho. Tenho aqui uma coisa para ti. Tens de comer.» Mas a criança não conseguia acordar, não conseguia fazer com que a cabeça não tornasse a descair para trás. E então Doll ajoelhou-se com ela no chão para libertar as mãos, e foi fazendo pequenas bolas com o miolo do pão, que ia metendo na boca da criança, uma a uma. «Tens de engolir.»

A velha tornou a aparecer com um balde de leite. «Quentinho da vaca», disse. «Para uma criança não há melhor.» Aquele cheiro forte, a erva, do leite saído da vaca, numa malga de lata. Doll deu-lho aos golinhos, segurando-lhe a cabeça na dobra do cotovelo.

«Bem, pelo menos tem alguma coisa lá dentro, se não vomitar. Agora vou pôr lenha no fogão para podermos lavá-la.»

Quando o quarto já estava mais quente e a água da chaleira já tinha aquecido, a velha segurou-a de pé numa bacia branca pousada no chão ao pé do fogão, e Doll lavou-a com um trapo e um bocado de sabão, esfregando com mais força nos sítios onde os gatos a tinham arranhado, e onde as pulgas e melgas a tinham picado e ela tinha coçado, e onde tinha lascas nos joelhos, e onde tinha a mania de morder a mão. A água da bacia ficou tão suja que a atiraram fora pela porta e começaram outra vez do princípio. Tinha o corpo todo a tremer com o frio e o ardor. «Piolhos», disse a velha. «Temos de lhe cortar o cabelo.» Foi buscar uma navalha e começou a cortar-lhe as madeixas enredadas o mais perto que se atreveu do couro cabeludo. «Isto tem uma lâmina. É bom que ela esteja quieta.» Depois ensaboaram e esfregaram-lhe a cabeça, e a água e o sabão escorreram-lhe para os olhos, e ela tentou soltar-se

delas e gritou-lhes impropérios com quanta força tinha e mandou-as para o inferno. A velha disse, «Vais ter de falar com ela por causa disto.»

Doll limpou o sabão e as lágrimas da cara da menina com a ponta do avental. «Nunca tive coragem para ralhar com ela. São as únicas palavras que a ouvi dizer.» Fizeram-lhe dois vestidos com sacas de farinha com buracos para a cabeça e para os braços. A princípio eram muito duros e tinham um cheiro como se tivessem estado guardados numa arca ou num armário, e tinham flores pequeninas, como o avental de Doll.

Parecia uma longa noite, mas devia ter sido uma semana, duas semanas, a ser embalada no colo de Doll, com a velha de roda delas.

«Parece que não tinhas já sarna para te coçares. Trazeres assim uma criança que vai acabar por morrer.»

«Não vou deixá-la morrer.»

«Ah não? Quando é que foi a última vez que pudeste decidir alguma coisa?»

«Se a tivesse deixado onde estava, é que morria de certeza.»

«Pode ser que a família dela não pense assim. Sabem que a trouxeste? O que é que vais dizer quando vierem à procura dela? Que está enterrada na floresta? No batatal? Achas que eu não tenho preocupações que cheguem?»

Doll disse, «Ninguém vem à procura dela.»

«Se calhar, lá nisso tens razão. Nunca vi criatura mais magriçela.»

Mas durante todo o tempo que estava a falar, ia mexendo uma panela de aveia com melaço. Doll dava uma ou duas colheres à criança, depois embalava-a um bocadinho, depois dava-lhe mais outra colher. Passava a noite inteira a embalá-la e a dar-lhe comida, e passava pelas brasas com a face encostada à testa quente da criança.

De vez em quando a velha levantava-se para pôr mais lenha no fogão. «Está a aguentar a comida?»

«Quase toda.»

«Tem bebido água?»

«Um bocadinho.»

Quando a velha tornava a ir-se embora, Doll dizia-lhe baixinho, «Vê lá, tu não me morras. Não estás a dar-me esta trabalhadeira toda para nada. Não morras.» E depois, ainda mais baixinho, para que a criança quase não pudesse ouvir, «Se tiveres de morrer, vais morrer. Eu sei. Mas tirei-te da chuva, não tirei? Aqui estamos quentes, não estamos?»

Ao fim de algum tempo, a velha tornou a aparecer. «Se quiseres, podes pô-la na minha cama. Acho que também não vou dormir esta noite.»

«Tenho de ter a certeza de que ela está a respirar bem.»

«Então põe-na comigo.»

«Mas ela está agarrada a mim.»

«Está bem.» A velha trouxe a manta da cama dela e tapou-as com ela.

A criança ouvia o coração de Doll a bater e sentia o peito dela a subir e a descer com a respiração. Estava muito calor, e sentiu que tentava livrar-se da manta e dos braços de Doll, ao mesmo tempo que tentava não a largar, pondo-lhe os braços à volta do pescoço.

Ficaram semanas com aquela velha, talvez um mês. Agora, as manhãs estavam quentes e húmidas, quando Doll a levava lá fora, segurando-a pela mão, porque as suas pernas ainda não tinham força suficiente. Andava com ela à volta do pátio, frio sob os seus pés descalços e liso como barro. O cão estava deitado ao sol com o focinho em cima das patas, sem ligar a nada. Ela tocava-lhe no pelo quente e áspero das costas, e ficava com a mão a cheirar mal. Havia galinhas pelo pátio, a rasparem a terra e a debicarem. Doll tinha ajudado a fazer uma horta, e como é que ela tinha feito isso se a criança achava que tinha estado sempre ao colo de alguém? Mas as cenouras já estavam a nascer. Doll arrancou uma, que não era maior do que uma palhinha. «É suave como uma pena», disse, e tocou na face da criança com o pequeno ramo de folhas. Sacudiu a terra da raiz com os dedos. «Toma. Podes comer.»

Havia um nó na garganta da criança porque queria dizer, Acho que deixei o meu boneco lá em casa. Acho que deixei. Sabia exatamente onde, debaixo da mesa, mesmo lá no canto, encostado à

perna da mesa, como se estivesse sentado. Podia ir lá dentro a correr, pegar nele e sair a correr. Ninguém tinha de a ver. Mas, se calhar, quando voltasse, Doll já não estaria ali e ainda por cima não sabia onde é que era aquela casa. Pensou na floresta. Era um boneco de trapos, sujo das mãos dela, porque estava sempre com ele na mão. Mas puseram-na lá fora no alpendre antes de ela poder agarrá-lo e os gatos nem a deixavam tocar-lhes e depois Doll chegou e ela não sabia que se iam embora, não percebeu isso. E por isso deixou-o onde estava. Mas não queria tê-lo deixado lá.

Doll tirava as mãos da criança da boca. «Não podes estar a morder-te assim. Já te disse vezes sem conta.» Uma vez puseram-lhe mostarda na mão, vinagre, e ela lambeu-os porque ardia. Ataram-lhe um pano à volta da mão, e ela chupou-o até fazer sangue e o pano ficar cor-de-rosa. «Podes ajudar-me a mondar. Assim ocupas essa mão.» Então ficaram ali ao sol, no meio do silêncio e do cheiro a terra, ajoelhadas ao lado uma da outra, a arrancarem todos os pequenos rebentos que não eram cenouras, pequenas folhas grossas e raízes brancas.

A velha apareceu à porta, para vê-las. «Ela não tem cor. Não vais querer que ela se queime, pois não? Depois começa outra vez a coçar-se.» Estendeu a mão para a da criança. «Tenho estado a pensar em Lila. Tive uma irmã chamada Lila. Se lhe pusermos um nome bonito, talvez ainda um dia fique bonita.»

«Talvez», disse Doll. «Tanto faz.»

Mas o filho da velha chegou com a mulher, e já não havia trabalho em casa para Doll poder lá continuar mais tempo. A velha fez uma trouxa com o máximo de coisas que Doll podia acartar sem deixar de levar a criança ao colo, que ainda não tinha força suficiente para andar muito tempo, e o filho indicou-lhes o caminho até à estrada principal. Depois, ao fim de uns dias, encontraram Doane e Marcelle. Talvez Doll andasse à procura deles. Toda a gente dizia que Doane era um bom homem e que quem o contratasse podia confiar no trabalho dele. Claro que não era só Doane. Era Arthur com os seus dois filhos, era Em e a sua filha Mellie, e havia Marcelle. Era a mulher de Doane. Eram casados.